

Corpo e Sociedade na Alemanha entre guerras

Carmen Paternostro

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Ufba

Doutoranda – Artes Cênicas – Or. Prof. Dr. Armino Bião

Bolsa Fapesb

Resumo: No início do século XX, na Alemanha, despontou, nas camadas menos conservadoras da sociedade, um desejo de reformar a vida. A orientação foi procurar formas de escapar dos efeitos sufocantes e mecanizados da corrida industrial que permeava toda a Europa. Assim, grupos de familiares e pessoas de várias classes sociais, se reuniram em torno do ideal do cultivo do corpo livre, criando praticamente uma contra cultura cujo enfoque foi o enriquecimento da existência humana. Tendo como lema a expressão *Naked und Frei* (Nu e Livre), essas iniciativas da sociedade terminaram por legitimar a luta pela *Lebensreform* (Reforma de Vida) com a formação de vários movimentos comunitários.

Em 1901, havia em Berlim Sul (Steglitz) o Movimento *Wandervogel* (Pássaro em Caminhada) que promovia, entre outras coisas, concertos, leituras coletivas, alimentação natural, banhos ao ar livre e ginástica coletiva. A partir de 1904, crescem, em toda Alemanha, diferentes grupos de *Wandervogel*, envolvendo várias gerações, mas são principalmente os grupos de jovens que se empenharam na *Lebensreform* (Reforma de Vida). Depois da primeira guerra mundial, acontece uma dispersão entre os grupos de Juventude e outros movimentos se sobrepõem, como o conhecido *Freikorperkultur* – FKK (Cultura do Corpo Livre).

Em 1898, foi registrado em Essen o primeiro FKK Club fundado sob as características dos banhos suecos. Esses clubes de banho eram freqüentados por nudistas e as pessoas vestidas eram proibidas entrar, sendo consideradas imorais. Para os naturistas alemães, o corpo nu não era motivo de vergonha e nas FKK não havia envolvimento sexual.

Os círculos conservadores das sociedades urbanas tentaram sem sucesso boicotar essa política liberal do corpo livre na Alemanha, que foi marcada pela presença do professor Adolf Koch¹ (1896-1979), que ficou conhecido por seu trabalho comunitário com crianças do bairro operário *Kreutzberg*, que viviam em condições sociais menos privilegiadas. Em suas pesquisas sobre o corpo, Koch desenvolveu ideias cujo foco era a nudez física, tendo-a como símbolo para o começo de uma nova sociedade.

¹ Adolf Koch: pedagogo formado em Psicologia e Medicina pelo Instituto Frederich William, que se especializou em Sexologia pelo Instituto de Ciências Sexuais, com o professor Magnus Hirschfeld, habilitando-se mais tarde como professor de ginástica.

Encontrando dificuldade em colocar suas ideias radicais a respeito da corporeidade, somente em torno dos anos 1920, com o apoio do governo prussiano, ele criou o seu próprio instituto para a educação física nudista, que, em torno de 1929, possuía três mil alunos. Koch continuou seu trabalho educacional, espalhando pela Alemanha trinta escolas do gênero. O trabalho de Koch, em termos sociais, foi classificado como um movimento de classe-operária, que se opunha a preconceitos raciais, embora utilizasse conceitos de eugenia que foram o suporte da restauração da ideia de existência de um povo alemão singular e exemplar. Em torno de 1933, os alemães nudistas foram banidos pelo nazismo, que, a partir de então, criou o “Círculo Militante para a Cultura Física e Racial”, do qual os judeus eram excluídos.

O trabalho de cunho socialista sobre a nudez-física, implantado nas escolas secundárias alemãs por Koch, foi banido durante o nazismo e seu instituto Adolf Koch League for Social Hygiene, Body Cultural and Gymnastics (Institut für Eubiotik und Lebensregelung) operou até o fim de 1934. O trabalho de Adolf Koch foi retomado em 1947 e continuou após sua morte, liderado por sua esposa, Irmgard Koch. Assim como este trabalho, o de muitos outros artistas, sobretudo dançarinos, sobreviveu entre as duas Guerras.

Estudar a Cultura do Corpo Livre foi uma forma de ampliar o objeto de pesquisa sobre a Dança Expressionista Alemã. Quando confrontados com fotos de dançarinos expressionistas posando nus, como Rudolf Laban com seus dançarinos no Monte Verità², em 1914, por exemplo, atribui-se de imediato o crédito da nudez arrojada somente aos artistas quando, na realidade, tratava-se de uma prática anterior com grande adesão da sociedade.

O que este artigo ressalta é que a mesma sociedade que lutou por uma Reforma de Vida, que conviveu com ideais libertários do corpo livre universal, vai corroborar com a massificação do corpo-coletivo uniformizado para identificar e padronizar um ideal racista. Do corpo-livre ao corpo-coletivo – é um trajeto paradoxal vivido pela sociedade alemã e por artistas como Laban, Wigman e tantos outros que conviveram historicamente com duas tendências corporais distintas. Entre guerras, a Alemanha escreveu uma história que agrediu o direito da existência humana. As intenções do nu e livre da sociedade capitularam perante o plano racista do Nacional Socialismo. A perplexidade invade o pesquisador quando se começa a entender para onde foram canalizadas o vigor e a beleza estética do

² Monte Verità: localizado em Ascona, na Itália. Ficou famoso pelas comunidades artísticas e intelectuais que lá se hospedavam no início do século XX. Rudolf Laban ficou conhecido por suas primeiras experiências de dança livre, subjetiva e expressiva com o corpo nu ou usando túnicas. Esta dança mais tarde se chamou *Ausdruckstanz* alemã (*German Expressionist Dance*).

corpo. Qual a finalidade da encenação estética da política hitleriana? Walter Benjamin em *A Obra de Arte na época da reprodutividade (Das Kunstwerk im Zeitalter seiner Reproduzierbarkeit)*, analisando a estetização política do fascismo, aponta o que estava por trás dessas ideias:

Todos os esforços de estetizar a política culminam em um ponto. Este ponto é a guerra. É através da guerra e somente da guerra que se pode fornecer a movimentos de massas de maior porte uma meta enquanto preservando as tradicionais condições de propriedade. A humanidade, outrora com Homero um objeto de espetáculo para os deuses olímpicos, agora se tornou um objeto de um espetáculo de si mesma. A sua auto alienação chegou ao grau que a faz viver a sua própria aniquilação com prazer estético (BENJAMIN *apud* HOFFMANN, 1993 p.23).

Como depositários da alma nacional única, as massas se deslocam para defender a nação de que se sentem guardiões. Com o espírito do povo Volkgeist³, tudo declina no plural até a entrega à morte.

[...] a exaltação da identidade coletiva compensa a derrota militar e a aviltante sujeição, que é seu preço. A nação, maravilhada, se indeniza da humilhação que está sofrendo pela descoberta de sua cultura. Para esquecer a impotência se entrega a teutomania” (FINKIELKRAUT, 1989, p. 20).

Além do planejado extermínio do povo judeu, Hitler, em seus discursos, preparava a entrega total de seus soldados germânicos. [...] “Aquele que quer viver, deve lutar, e aquele que não quer lutar nesse mundo de luta permanente não merece viver” (HITLER *apud* HOFFMANN, 1993 p. 95). É a aniquilação como prazer estético de que fala Benjamin, usurpando qualquer possibilidade de expressão individual ou escolha de viver.

O corpo imaginário do racismo

O entendimento do racismo amplia a visão do paradigma do holocausto dos judeus na Segunda Guerra mundial comandada por Adolf Hitler. O racismo acontece de forma imaginária (embora cruelmente real) e opera com a discriminação, dando importância mais ao corpo do que ao espírito. Em diferentes gradações encontra-se o rancor e a repressão da afetividade como formas ambíguas e vagas, desprovidas de lógica social. Breton (2009) traz para o pensamento da sociologia do corpo duas correntes: o homem como uma emanção do meio social e cultural, e o homem visto como produto do corpo com suas características biológicas. “Ao invés de fazer da corporeidade um efeito da

³ Volkgeist (trad. literal espírito do povo): conceito de espírito nacional que apareceu em 1774, um legado do romantismo alemão. Ver mais em FINKIELKRAUT. *A Derrota do Pensamento*, 1989, p.16.

condição social do homem, essa corrente do pensamento faz da condição social o produto direto do corpo. Trata-se de submeter a primazia do biológico” (BRETON, 2009, p. 17).

O corpo é molestado por averiguações como: peso do cérebro, o ângulo facial, a fisionomia, a frenologia e outros meios que demonstrem com provas irrefutáveis o pertencimento a uma raça. Há procura de sinais manifestos, inscritos na pele, que incriminam e revelam a *degenerescência*. A ordem do mundo passa a obedecer à ordem biológica, cujas provas são encontradas nas aparências corporais. O destino do homem passa por uma conformação morfológica. “Mede-se, pesa-se, corta-se, fazem-se autópsias, classificam-se incontáveis sinais transformados em índices a fim de decompor o indivíduo sob os auspícios de raça ou categoria moral” (idem p. 17). O corpo passa a ser o produto que encarna e descreve o homem, que passa a ser percebido apenas pela aparência física. O homem revelado pela natureza física tem sua subjetividade como um reflexo do conjunto da sua raça.

Agamben (2002) afirma que a politização da vida é uma característica fundamental na política dos estados totalitários. A Alemanha nacional-socialista foi um estado organizado sob leis raciais que integralmente envolveu vidas que até então eram privadas. A política tornou-se biopolítica e o campo de concentração foi um grande paradigma político da modernidade: “O rio da biopolítica, (a vida tomada como noção médica ou científica) arrastou consigo a vida do *Homo Sacer*⁴” (AGAMBEN, 2002, p. 127).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer – O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BRETON, David Le. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FINKIELKRAUT, Alain. *A Derrota do Pensamento*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1989. 156 p.

HOFFMANN, Hilmar. *Mythos Olympia: Autonomie und Unterwerfung Von Sport und Kultur*. Berlim: Aufbau-Verlag, 1993. 214 p.

⁴ Homo Sacer: termo arcaico oriundo do direito romano. O Homo Sacer – aquele homem que podia ser eliminado indiscriminadamente na sociedade sem punição do culpado. Exceção em casos de morte em sacrifício que não era permitido.